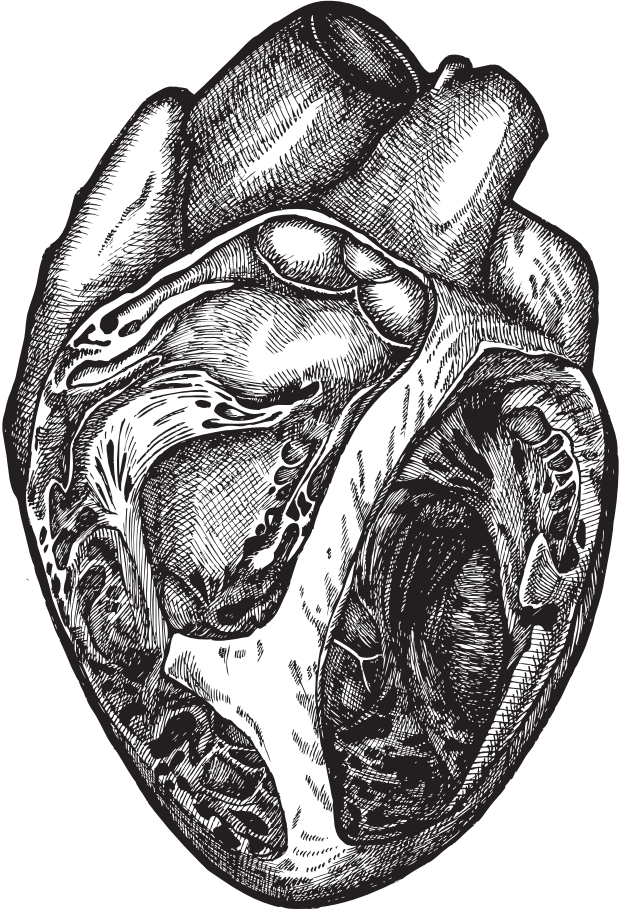


VÁLVULA DE FERRO OU DE CARNE

Válvula de ferro ou de carne

LAÍS FERREIRA OLIVEIRA





O INÍCIO É SEMPRE UMA EXPLOÇÃO

Forma ainda mais clara
de nascer, quando um limite
rompe-se, quando o leito
claro de um rio se expande
além das margens, quando
o mar escava e derruba
as cores de uma falésia.
Assim, um útero resguarda
em si todas as engrenagens
de um vulcão, a força
de quem aguarda secularmente
o movimento das placas sob
o chão, quando se acumula
o calor à espera de nascer.
Pouco a pouco, afina-se, reduz
toda musculatura que tange
a resistência ao primeiro grito.
A vida escava, lentamente,
um início: assim se chama
luz o espaço entre duas
membranas, o que cega
no anúncio da maravilha.
Um rosto aguarda dentre
águas: entende submerso
o quanto o ar pode queimar.
E aprende a se expandir
depois de dias se contorcendo
na escuridão que germina.

OS INCISIVOS QUE NÃO TOMBARAM

Ainda agora, tenho dois dentes
de leite: resta o modo comum
e antigo de uma infância,
a possibilidade tardia de ter
numa queda a projeção do sonho.
Ainda, estes dentes cujas raízes
não se fincam até o fundo
da minha carne, não se firmam
profundamente na minha gengiva.
Eles ainda esperam e aguardam
o tempo quando as raízes se
desfaçam ou a superfície os marque
com erosões ou com os ventos
repentinos que derrubam as casas,
desgrenham todos os fios de
cabelos já grisalhos. Eles seguem
feito as conchas cujas cascas
permaneceram firmes e não
envelheceram como o bicho
que as deixou e cresceu ferozmente.
Assim, contam-se silenciosas
as histórias de outros mares,
o tempo intacto de uma imagem.
Nunca se sabe quem permanece:
todas as folhas caídas no solo ou
os incisivos que não tombaram.

Nenhum homem pode esmagar
uma bactéria com os dedos.

Nenhum pôde matar a bactéria
com as mãos, apesar de ser
tão pequena, apesar dos dedos
serem maiores que as bactérias.

Um dedo pode levar muitas
bactérias na pele, pode guardar
tantas coisas invisíveis. Ainda
assim, não é possível destruir
uma bactéria com os olhos
abertos. Há coisas menores
que os homens, há coisas
maiores que os homens.

Nenhum homem pode esmagar
uma bactéria com os dedos,
mas todos os homens podem
destruir um amuleto, uma carta
rasgada antes de ser entregue,
uma palavra de amor. Todos
os homens podem destruir
uma palavra de amor, embora
ela também seja invisível, ainda
que não saibamos quantas letras
de amor cabem nas mãos de
alguém. Há uma semelhança entre
as bactérias e as palavras
de amor. Nunca se sabe direito
como se instalam, nunca se

sabe como crescem e invadem
um corpo, uma casa, uma vida
de forma invisível. Ainda assim
é mais fácil destruir uma palavra,
os dedos podem sim chegar
até as pontas dessas palavras,
até a raiz de qualquer frase
deixada nas duas mãos vazias.
Nenhum homem pode esmagar
uma bactéria com os dedos,
ninguém nunca viu o corpo
das palavras mortas de amor.

Todos os olhos são ébrios:
há água nos modos subterrâneos,
no verso dentre uma cartilagem
cricoide. Sabe-se um pouco
do modo de mensurar a assimetria
dos pulmões, o som identificado
quando o ar segue comum,
quando o murmúrio, os ruídos
e os batimentos se partilham.
Outras vezes, roncam: há frio
e toda a gente caminha
entre o cansaço e o espanto.
Percutimos ainda sobre os dedos:
sabemos da ressonância do toque,
e como um órgão vibra mais
ou menos a partir daquilo
acumulado por anos e anos.
É possível, também, reunir
as palmas das mãos, construir
uma concha, ter num intervalo
o som do mar próximo ao nosso rosto
ou o telhado de uma casa inventada.
Nunca se sabe onde se registram
as imagens de um escafandrista,
o que murmuram as membranas
e as escamas acostumadas
às tormentas e ao sal. E ainda
tentamos permanecer submersos
no tempo suficiente para mapear
o brilho dos mistérios abissais.

Escreveu Walter Benjamin:

Alguém na terra está à nossa espera.

À cada geração, o passado
dirige um apelo, a força
de um pedido de redenção.
O tempo deveria ser o gesto
da claridade, o olhar atento
próximo aos vestígios da dor.
Nos desertos, todos os ossos
têm do cálcio a natureza
brilhante e guia da estrela:
apontam quando há escuridão.

Com o queixo à mostra,
as línguas afiadas removem
as pegadas da areia. À beira
da praia um homem replanta
uma cruz
contrária ao esquecimento.
Ainda hoje, estremecem
os braços dados aos nossos mortos.

Aqui e agora, esperamos
do futuro
alguém que nos valha, o modo
de colher das cruzes o sumo
de uma humanidade outra:
escovar a contrapelo a pele
de pulmões colabados, reter
o modo comum de respirar.

DAS EROSÕES E DAS FALÉSIAS

Durante o tempo, aprendi
com o *I ching* e as lâminas
de tarot
que no caminho entre
a sorte e o azar
serei eu quem andaré.
Todas as nuvens
assumem as formas
(os medos)
guardadas em nossas íris.
Há, sempre, o aviso
dos terremotos e das erupções
na nossa pele, nas marcas
das dermatites sem nome
que escavam todos os pontos
(as regiões)
de sustentação e de fuga.
Também a epiderme
resguarda
a rota dos ventos, o ímpeto
das erosões e das falésias.
Revela-nas falanges
dos dedos
tudo que a memória esquece.

O corpo ainda
resplandece
e sussurra, mais uma vez,
baixo:
há mistério ainda, há
toda a natureza da paixão.
Acima dos rostos insones,
perdem-se os nomes
e se veem as esquinas onde
o corpo é só corpo.
São grandes eventos
os eclipses e os solstícios –
a possibilidade de enxergar
a dança da luz e da sombra.
Também o desejo emerge
e irrompe sobre a superfície
das manhãs sempre iguais.
Nos olhares que se encontram,
uma órbita se inaugura
sem previsão de retorno.
E seguem atônitos os amantes
à espera de uma estrela,
cuja gravidade possa
– uma vez mais –
atraí-los para qualquer eixo.
Expande-se o universo:
é explosiva a natureza entre
o que nasce, vive e morre.

PARA SE LANÇAR À ÁGUA

Para que esta vida prossiga,
é necessário que o sangue
corra
por vasos finos, dentro de
válvulas e de câmaras.
Para que esta vida prossiga,
até mesmo as células
diferenciam-se com o tempo.
Mudam de nome, de forma,
de local
feito quem assume todos
os riscos
de nascer dentro da rigidez
para se lançar à água.
Para que esta vida prossiga,
é necessário reconhecer
simultaneamente
a origem do que nos ameaça:
talvez siga ainda do lado
de fora,
talvez se combine indelevelmente
com nosso corpo, modifique
nossas vigas, todas as formas
mais velhas de construir.

Vi ainda uma vez em um filme
de Jonas Mekas uma cartela
que ressoa, como ecoam os discos
que arranharam, todos os mantras
em nossa garganta desesperada:

Happiness equals beauty.

Assim deve ser a órbita do coração
dos que partem, dos que se exilam
em cidades estranhas e colecionam
imagens e lembranças na dimensão
do ar do pulmão em um escafandrista
que precisa controlar o quanto responde
às variações de pressão sobre si.
A beleza é ainda um talismã coberto
de areia e são nossos os dedos áridos
a poli-los, feito quem escava profundidades
à procura de um espelho. A beleza
segue ainda como âncora, no fundo
onde já não se sabe ao certo o limite
da casca desse navio e quando
se organizam as forças do empuxo
para que não seja o próprio peso
uma bigorna que o naufrague. Também
notei a forma cruel que a beleza ofusca
e o excesso de claridade dentre brumas
fatigadas de escadas e insígnias. A luz
inscreve sempre: reconhecemos o rastro

nos papéis de prata, nas imagens mágicas
cujos símbolos contam do limite tênue
de nossas ruínas desmascaradas
e o brilho quase ofuscado do espírito.